

Jogadores contam histórias do preconceito enfrentado na Europa

Futebolistas negros relatam casos de racismo e xenofobia envolvendo torcedores, técnicos e outros jogadores

Júlio Bernardes/Jornal da USP

A presença do racismo na trajetória de jogadores de futebol brasileiros negros no futebol europeu é mostrada nas histórias orais de vida colhidas por Marcel Tonini, em pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Apesar do tema ser tabu no Brasil, o estudo superou o receio dos jogadores, a maioria com passagem pela Seleção Brasileira, e revelou episódios de racismo e xenofobia vividos pelos atletas e seus familiares, envolvendo torcedores, técnicos e outros jogadores. A pesquisa constatou maior conscientização dos atletas, mas aponta para a necessidade de ações coletivas contra o preconceito.

O objetivo do estudo era aprofundar a discussão sobre o racismo no futebol, iniciada pelo pesquisador em seu trabalho de mestrado, sobre dirigentes negros em diversas posições dentro do universo do futebol (jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores e intelectuais).

“Numa das entrevistas, Junior, ex-jogador do Flamengo, disse que, quando atuava no Torino da Itália, ao ser avisado de uma manifestação racista de torcedores, declarou que isso não o atingia, porque a miscigenação no Brasil era total”, relata o historiador. “A partir da daí, surgiu a ideia de discutir o mito da democracia racial, associada com a questão das migrações internacionais e da globalização, por meio de entrevistas sobre trajetórias de vida e profissional, usando a metodologia da história oral”.

Ao todo, foram coletadas 16 histórias orais de vida, de uma a duas horas de duração, com jogadores que atuaram na Itália, Espanha, França, Alemanha e Inglaterra, em diferentes épocas. Entre os entrevistados, 15 jogaram na Seleção Brasileira, oito atuaram em Copas do Mundo e cinco foram campeões.

O mais velho é Jair da Costa (Copa de 1962), que jogou por dez anos na Itália. Também falaram Paulo César Caju, Luis Pereira, Junior, Júlio César, João Paulo, Djalminha, Paulo Sérgio, Amoroso, Betão, Gilberto Silva, Cláudio Caçapa, Zé Maria, Roque Júnior, Ewerthon e Denilson. O historiador relata que, entre os atletas que jogaram entre as décadas de 1960 e 1970, são mais comuns as referências à democracia racial. “Na ocasião, esse mito era amplamente aceito no imaginário social dos brasileiros e apenas contestado na academia e nos movimentos negros”, diz.

“A única contestação veio do Paulo César Caju, que já era muito consciente nos tempos de jogador. Nascido pobre, viu a mãe ser discriminada, foi adotado por um técnico com padrão de vida mais elevado, viajou muito, e levou sua indignação com o racismo para o discurso, sendo muito influente entre seus colegas.”

Conscientização

Entre os jogadores que atuaram a partir dos anos 1990, Tonini observa que há mais conscientização sobre o racismo, ainda que não haja um envolvimento maior com o movimento negro. “Uma exceção foi o volante Denilson, que atuou cinco anos na Inglaterra e disse não ter percebido isso na Europa”, observa.

“Em alguns casos, há receio de entrar em polêmica e comprometer a própria carreira. Não se pode julgar, evidentemente, devido à origem pobre, em meio à fome e à violência, com uma série de carências na infância, sem oportunidades de se educar,



Jair da Costa também defendeu o Roma por um ano, mas retornou ao clube milanês: “Acho que eles se arreprenderam e me trouxeram de volta”, disse.

onde a grande preocupação em seu caso, e possivelmente em muitos outros, era sobreviver. De um modo geral, há mais consciência, graças aos avanços na educação, porém o discurso da democracia racial ainda é aceito pela sociedade”.

Os relatos reunidos pelo historiador mostram que, entre os europeus, havia um limite muito sutil entre racismo e xenofobia, em especial até a metade da década de 1990, quando os países limitavam a presença de estrangeiros a um, dois ou três jogadores por equipe. “Isso fazia com que fossem contratados atletas renomados, que recebiam altos salários. Isso causava um estranhamento dentro da equipe. Os jogadores mencionaram várias vezes que os companheiros pensavam que eles iam ocupar seu lugar, ainda que não comentassem”, afirma Tonini.

“Três atletas contaram que, logo no primeiro treino, os outros jogadores nacionais ou não passavam a bola durante a atividade, ou a passavam forte para ver se dominariam, ou a chutavam em suas costas antes da atividade começar, para ver a reação. Nesses casos, o conflito era pelo fato de haver um estrangeiro de nome no time.”

Embora falar abertamente fosse pouco comum da parte dos jogadores, era mais frequente entre os técnicos, diz Tonini. “Por exemplo, o zagueiro Betão ouviu do treinador do Dinamo, de Kiev (Ucrânia), que ele e os outros brasileiros, por serem do Brasil e ganharem muito bem, deveriam mostrar mais futebol”, conta. “A princípio, os atletas pensavam apenas no racismo dos torcedores, mas durante os depoimentos surgiram relatos de racismo e xenofobia vindos de treinadores, colegas de equipe e colegas de outros times.”

Segundo Tonini, os relatos dos jogadores mostram que as manifestações racistas por parte de torcedores, como insultos, gestos e faixas, são muito frequentes na Europa, especialmente em algumas regiões, como Verona, na Itália, ou no interior da Espanha. “Embora não tenham dito, fica claro que são tão comuns que eles de certa forma se habituam a essas situações, como se fizessem parte da paixão do torcedor”, afirma. “No entanto, quando isso vem do técnico ou de um colega de equipe, pela proximidade, eles ficam indignados e se sentem humilhados.”

Tonini aponta, a partir da análise dos depoimentos, que as ações dos jogadores ao racismo são principalmente individuais.

“As mais comuns são demonstrar sua importância na equipe por meio da dedicação ao trabalho, impor-se pelo talento, com dribles e gols, e usar a ironia, rindo ou beijando a pele ao comemorar um gol”, relata.



Junior, ex-jogador do Flamengo, atuando pelo Torino.

“No entanto, a melhor maneira de combater o racismo contra os negros talvez seja uma reação coletiva, ou seja, os jogadores se unirem e tomarem atitudes conjuntas, como não jogar em cidades onde há manifestações preconceituosas da torcida, por exemplo. Isso levaria a uma divulgação e um efeito muito maiores”.

Campeonato Espanhol pode ter jogos nos EUA e no Canadá

A Liga de Futebol Profissional (LFP), entidade que organiza a principal divisão do Campeonato Espanhol, anunciou na última quinta-feira (16) que, pela primeira vez na história, o torneio poderá mandar alguns jogos para os Estados Unidos.

De acordo com a mídia espanhola, a La Liga firmou um acordo de 15 anos com a multinacional norte-americana Relevant, que é a organizadora da International Champions Cup (ICC). Com isso, Estados Unidos e Canadá poderão sediar partidas do Barcelona ou Real Madrid pelo Campeonato Espanhol. O objetivo do projeto, que se chamará La Liga América do Norte, é promover o futebol no território norte-americano.

Além disso, a iniciativa pretende ajudar com a realização da Copa do Mundo de 2026, que será disputada nos Estados Unidos, México e Canadá. “Estamos voltados a fomentar a paixão do futebol por todo o mundo. Esse revolucionário acordo, sem dúvidas, dará um impulso fundamental para a popularidade



deste lindo esporte nos Estados Unidos e Canadá”, disse o presidente da La Liga, Javier Tebas.

Já o empresário da Relevant, Stephen Ross, afirmou que a ação será um “passo importante” para aumentar a popularidade do futebol nos Estados Unidos. Os Estados Unidos vem nos últimos anos investindo pesado na principal liga de futebol do país, a Major League Soccer (MLS). Grandes estrelas como Wayne Rooney, Bastian Schweinsteiger e David Villa estão disputando a competição. No entanto, os norte-americanos sofreram um grande revés após a seleção do país não ter se classificado para o Mundial de 2018.

Em comparação com os vizinhos norte-americanos, o Canadá possui bem menos tradição no futebol. Tanto que os três principais clubes do país (Impact Montreal, Toronto FC e Vancouver Whitecaps) disputam a MLS ao invés do Campeonato Canadense. Em Copas do Mundo, a seleção canadense possui apenas uma participação, em 1986, mas foi eliminada na primeira fase (ANSA).

Estação 45

<p>Almoço Segunda a Sábado das 11h30 às 15h</p> <p>Nosso Bufê possui grande variedade de saladas, frutas e os mais deliciosos pratos quentes e frios.</p> <p>Música ao vivo aos Sábados</p>	<p>Noite Quarta a Domingo a partir das 18h</p> <p>Divirta-se com seus amigos em nosso Happy hour ou traga sua família para experimentar uma de nossas massas ou pizzas mais saborosas da região.</p>
<p>Delivery (quarta a domingo, das 18h às 23h30) 5575-9224 / 5571-3369</p>	
<p>Rua Dr. Neto de Araújo, 45 - Vila Mariana www.estacao45.com.br</p>	